

Insularidade e emprego ***Por uma sociologia do espaço de oportunidade***

Rolando Lalanda Gonçalves

Introdução

Esta comunicação insere-se no âmbito de um projecto mais vasto de investigação que está a ser desenvolvido pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade dos Açores no domínio da sociologia em meio insular.

Nesta primeira abordagem procuraremos, face à pluralidade de espaços insulares (no caso dos Açores), determinar se existe ou não uma relação entre graus de insularidade, as estruturas económicas e sociais, e os espaços de oportunidade vividos e percebidos pelos jovens na transição para o mundo do trabalho. Iremos apenas referir-nos ao grupo etário dos 15 aos 24 anos, abrangendo por isso um universo necessariamente mais limitado e onde a problemática da inserção no mundo laboral se coloca em termos relativos de forma mais específica traduzida, entre outros, nos seguintes elementos:

- duração da escolaridade variável (mas necessariamente mais limitada do que no escalão 25/34 anos);
- relação precoce com o mundo do trabalho.

A construção do nosso modelo de análise terá em conta os seguintes conceitos básicos:

- definição do conceito de insularidade;
- relação entre insularidade, diversidade e desigualdade;
- conceptualização do que definimos como espaço de oportunidade;

Tendo em conta este quadro conceptual iremos procurar se existe uma ou várias lógicas de acção subjacentes aos actores sociais, manifestas nesta fase de transição do mundo escolar para o mundo do trabalho.

Nesta perspectiva podemos equacionar as seguintes hipóteses de trabalho:

- Numa ilha de dimensão reduzida e distante face ao exterior existe no sistema sócio-económico uma propensão para a homogeneidade de soluções económicas quanto à estrutura produtiva. O leque de opções de emprego torna-se assim “mais limitado”. Esta limitação nas opções globais não implica uma mais vasta participação em múltiplos papeis que, articulados na “vivência insular”, obrigue a uma polivalência funcional assumida no seio de uma comunidade mais integrada.
Neste quadro, e centrando-nos na faixa etária dos jovens, podemos ver que pelas suas atitudes face ao viver nesse local a aspiração idealizada de mudança está articulada com uma percepção determinada por estruturas de “proxemia” na relação com espaços exteriores. No caso dos Açores: outro local na mesma ilha, as outras ilhas (maiores), o espaço continental ou a “América” ou estrangeiro.
- Numa ilha de maior dimensão existe uma maior diversidade de situações interna para o mesmo grupo etário. O espaço de oportunidade é mais centrado no “local”; tal não implica que, por haver a percepção da necessidade de uma maior especialização e de um maior leque de opções de emprego, não exista a consciência de uma limitação imposta pelo meio. Assim, a idealização do espaço

exterior, como realização de metas profissionais, seja visto com uma outra orientação: a necessidade de uma maior proximidade do espaço “nacional”.

1. O “Espaço de oportunidade”

A conceptualização do que poderemos designar como “espaço de oportunidade” decorre de uma premissa já testada na análise do “modelo migratório” estudado nos anos 80 nos Açores. Este modelo estruturava-se do seguinte modo: em função da percepção do espaço insular enquanto espaço socio-económico, colocamos em evidência a existência de grupos mediáticos e o desenvolvimento de lógicas “eutópicas” de valorização de novos espaços de realização.¹

Na altura tratava-se de estudar as dinâmicas migratórias no âmbito dos processos socioculturais de identificação face ao exterior. O conceito de eutopia significa, no âmbito desta análise, o local idealizado do bem socialmente vivido e intencionado.²

Tendo em conta estes modelos procuramos analisar o emprego, enquanto “modo de inserção” local e na sua relação com mecanismos de socialização e integração, e nesta questionação procuramos testar as seguintes hipóteses de trabalho:

- Nas ilhas mais pequenas, uma maior consciência do limite levou à estruturação de um modelo de povoamento onde a emigração causou desde muito cedo fortes impactos na estrutura demográfica, traduzida por envelhecimento da população, maior predomínio da actividade agrícola, do trabalho familiar, da polivalência de funções, reduzindo a dimensão média dos “povoados”, das famílias, da estrutura empresarial. Fenómenos como o desemprego tendem a ser “estatisticamente” menos relevantes, porém acompanhados por subemprego e por uma dimensão da economia tradicional mais relevante.
- Nas ilhas maiores, onde a diversidade estrutural interna é maior, o impacto da emigração é menor, o habitat é mais diversificado, a lógica da mobilidade interna na ilha mais acentuada, a propensão para a saída, na dinâmica interna, é menos forte, a construção do espaço de oportunidade é mais centrado no espaço local. As estruturas familiares são mais diversas, a especialização funcional torna-se possível, a dimensão empresarial mais diversificada e relevante: os fenómenos como o desemprego são mais marcantes e a taxa de participação feminina na estrutura produtiva mais significativa.

Ao definir estas duas hipóteses não ignoramos que ambos os espaços estão cada vez mais em contacto com o exterior através das novas tecnologias, induzindo novos modelos de mediatização na relação interna (inter-ilhas) e com o exterior, nem que a dimensão “isolamento” é uma categoria pertinente na análise

¹ LALANDA GONÇALVES, Rolando.- Eutopie, insularité et migrations. Contribution à l'analyse des processus socioculturels dans un environnement insulaire. Thèse de Doctorat de 3eme Cycle, Montpellier, 1984

² LALANDA GONÇALVES, Rolando. *Contextos de enraizamento e processos de identificação colectiva*. In Arquipélago, Revista da Universidade dos Açores, Série Ciências Sociais-nº2, 1987 p.131 a165 e LALANDA GONÇALVES, Rolando . *Eutopia e emigração. Abordagem micro-sociológica na freguesia da Ribeira Quente, S.Miguel* in Arquipélago, Revista da Universidade dos Açores, Série Ciências Humanas, Vol, VIII- nº1, 1986 p.107 a 132

de uma especificidade na “relação com o exterior” mas não implica uma ausência de contactos com esse “exterior” que, na história, designadamente dos Açores, nunca se revelou uma “barreira” ou uma “impossibilidade” mas uma condicionante no “modelo” deste tipo de relacionamento.

É neste quadro que, no sistema sociocultural e identitário bem como no sistema sócio-económico, encontramos uma congruência que procuraremos demonstrar através do conceito de espaço de oportunidade: probabilidade de obter um emprego compatível com um nível de qualificação e de aspiração num determinado espaço, neste caso, o espaço insular da “sua” ilha delimitando a nossa análise à problemática da inserção dos jovens no mundo do trabalho (15 a 24 anos).

Assim, definimos “insularidade” como a “qualidade” deste relacionamento com o exterior onde a variável distância aliada à barreira natural que é a ilha assume uma relevância sócio-económica (ciclicidade e homogeneidade das soluções económicas locais) mas também sócio cultural (lógica eutópica) valorização idealizada do espaço da ilha e do espaço exterior onde se joga, numa tensão por vezes não disfarçada, a lógica subjacente aos processos migratórios que marcam a história recente dos Açores.

2. A insularidade

Segundo FISCHER "...o espaço continua a ser, com a ideia de tempo, uma das dimensões em relação às quais se estruturam uma sociedade e os grupos humanos."³

Como ponto de partida temos necessariamente um facto de natureza geográfica : a existência de territórios rodeados pelo mar e mais ou menos distantes de um Continente e situados nas diferentes partidas do mundo.

A etimologia da palavra ilha proposta por Publio Festo (“insula”= “in”+“salus”) revela a “natureza” fundamental e instituinte deste “tipo” de espaço natural.

Todavia, nas grandes teorias sociológicas ou psicossociológicas, só recentemente o factor espacial (ambiental) ou seja, o sistema de relações entre sociedade e território começou a ser sistematizado de uma forma global, o que se encontra associado ao desenvolvimento da ecologia designadamente na sua vertente social e económica.

Ardey, no seu livro *O imperativo territorial*, tenta demonstrar em que medida existe no homem um instinto territorial, e como para a existência de um grupo equilibrado é necessária uma base territorial que permita expressar este instinto. Este trabalho e outros que o precederam contribuíram para pôr em evidência a importância das estruturas espaciais na acção humana. É porém perigoso utilizar sem mais nem menos o contributo da etologia e aplicá-lo à situação humana ⁴

No estudo de sociedades insulares, o sociólogo ou o historiador devem proceder com especiais cautelas de carácter epistemológico e metodológico para evitar “saltos” ou “rupturas” que pela sua gravidade inviabilizem o desenvolvimento de uma sociologia, de uma história ou de uma economia insular.

Assim, no quadro de uma abordagem psicossociológica, podemos relevar os seguintes elementos:

³ FISCHER, Gustave-Nicolas.- *La psychosociologie de l'espace*, Paris, PUF, 1981 (Que Sais-Je ? nº1925), p.6 e seguintes. Edição Portuguesa: FISCHER, Gustave-Nicolas- *A psicologia social do ambiente*. Lisboa, Instituto Piaget, 1994 p.16

⁴ FISCHER, Gustave-Nicolas op. sup. cit. e ALLAND, Alexander *O imperativo humano*- Lisboa, Publicações D.Quixote, 1982, p65 et sq.

2.1.- Fronteira “natural”

"...Os grupos organizados e as sociedades dispõem de um espaço limitado por fronteiras entre as quais desenvolvem a sua acção num "continuum" temporal e espacial onde o espaço aparece caracterizado pela sua plurisemia e logo definido enquanto "lugar", ou seja como grandeza significativa."⁵

O espaço insular caracteriza-se pelo facto de ser uma estrutura territorial cujos limites se impõem à atenção e à acção humana. O espaço insular define-se por uma extensão naturalmente limitada por "referências" (marcas) definitivas, as fronteiras, que não podem ser alargadas pela acção humana. Determinar em que medida estas "fronteiras naturais" afectam a acção humana é, sem dúvida, um dos primeiros passos na análise da especificidade dos espaços insulares.

2.2.- Exiguidade espacial e limites à “atenção”.

O espaço insular também se caracteriza pela exiguidade e esta encontra-se directamente ligada à importância e rigidez das fronteiras que implicam uma ruptura comportamental para as ultrapassar.

Este "contexto" de acção humana ou de enraizamento é tanto mais importante quanto A.Moles e E. Rohmer demonstram que o problema da liberdade humana se coloca também em termos espaciais ⁶

"Se definirmos a liberdade como consciência das constricções (Marx) a noção de campo de liberdade corresponde ao conjunto das acções que o indivíduo pode efectuar sem esbarrar nestas constricções, ou seja, nas forças do meio exterior que este não é capaz de vencer. "...O espaço apresenta-se então como um sistema de valores repartido de uma forma mais ou menos complexa num campo (campo de liberdade) definido por barreiras mais ou menos rígidas"⁷

Moles estabeleceu uma tipologia dos diferentes campos e distinguiu três sistemas de liberdade partindo da noção de espaço imaginário de valores, propostos por Lewin, tomando o exemplo de uma cabra pastando numa propriedade rodeada de barreiras. Moles considera primeiramente a ideia de liberdade principal: o indivíduo imagina um campo sob a forma de uma superfície mais ou menos vasta fechada por muros que são "rígidos"; percepção-se no centro deste campo e erra para onde quer, sem obstáculos percebidos. A ideia de liberdade marginal aparece quando as fronteiras do campo, em vez de serem impenetráveis, são elásticas, (o indivíduo pelo seu esforço, pode fazê-las ceder); finalmente a ideia de liberdade intersticial é a possibilidade deixada a um indivíduo de atingir os seus objectivos através da sua argúcia para escapar entre os interstícios definidos espacialmente.

Estes mecanismos, como afirma Fischer ⁸, estabelecem uma nova imagem da vida social: todo o espaço torna-se um território valorizado pelo "domínio" que os indivíduos exercem sobre este. As modalidades de apreensão do espaço podem então ser interpretadas como indicadores na análise psicossociológica: os comportamentos e processos sociais não são mais estudados como produto de estruturas constituídas em factor determinante das relações mas como práticas associadas à forma desta matriz, no interior da qual a experiência se organiza como ponto de encontro e suporte da vivência.⁹

⁵ LALANDA GONÇALVES, Rolando.- op. cit p.6

⁶ MOLES, A ROHMER, E.- Psychologie de l'espace, Paris, 1972.

⁷ LALANDA GONÇALVES, Rolando.- op.cit. p.8

⁸ FISCHER, Gustave-Nicolas.- La psychosociologie de l'espace, Paris, PUF, 1981 (Que Sais Je nº1925), p.6 e seguintes. Edição Portuguesa: FISCHER, Gustave-Nicolas- A psicologia social do ambiente.-Lisboa, Instituto Piaget, 1994 .

⁹ FISCHER, Gustave-Nicolas.- op. Cit., p.6 e seguintes. Edição Portuguesa: FISCHER, Gustave-Nicolas- A psicologia social do ambiente.-Lisboa, Instituto Piaget, 1994 p.36

É neste quadro que o indivíduo e os grupos agem em contextos particulares de enraizamento e constroem espaços de oportunidade ou seja procuram atingir os seus objectivos entre os interstícios impostos pelo espaço que naturalmente os condiciona.

Assim torna-se relevante o conceito de que um território insular se caracteriza por um espaço onde os limites se impõem à atenção. Este transforma-se assim num "contorno"- no sentido de gestalt.

Nesta óptica, a ilha é um território específico cujas fronteiras naturais se tornam por apropriação colectiva fronteiras e o "insular" ("homem de fronteira") distingue-se do homem da fronteira terrestre, mais do que pelo "limite" que a fronteira traça, pela natureza da constrição que este limite impõe.

A Moles considera o indivíduo envolto em oito envelopes ou conchas cuja intensidade diminui do centro para o exterior. Assim, a estrutura ambiental insular implica uma ruptura entre os diferentes envelopes dado que esta acentua os limites que definem o território interior e o espaço exterior.

O espaço insular definido pelo isolamento aquático caracteriza primariamente um campo de liberdade principal, onde a liberdade marginal não é possível atingir senão pela adopção de rupturas comportamentais, como a de tomar o avião ou o barco.

A Moles afirma "...uma ilha não pode ser grande senão perde o seu carácter insular quando, o sentimento de "fecho do seu contorno" escapa à continuidade do campo de consciência dos seus habitantes e que, correlativamente, a frequência do seu rappel recua no fluxo e refluxo deste mesmo campo de consciência"¹⁰ Para A Moles a ilha ideal, este conceito tem um valor, "...será aquela onde pode-se fazer a sua volta num dia, aquela onde num espaço de um dia podemos reencontrar o ponto de partida, dado que o "controlo" do contorno é uma das características essenciais que nos propõe a teoria da forma.¹¹

Mas neste quadro territorial, específico, através de contactos mediáticos com o exterior, assiste-se à construção de um novo espaço social diferenciado no qual o indivíduo age e motiva-se.

É neste quadro que devemos analisar a problemática do emprego em meio insular, visando responder à questão básica: qual a relação entre a diferenciação estrutural insular e o tipo de emprego gerado nas diferentes ilhas do arquipélago dos Açores com pertinência para a análise da primeira inserção no mundo do trabalho?

3.- Insularidade: desigualdade e/ou diversidade

Lucien Febvre, no seu livro " La terre et l'evolution de l'homme"¹² diante da diversidade insular afirma "... se procurássemos uma necessidade, uma lei das ilhas pesando sobre os homens, sobre as sociedades humanas, só encontraríamos variedade e diversidade", concluindo que o que conta "... é a ideia que os povos, os grupos políticos, pequenos ou grandes, fazem da sua situação geográfica e das suas vantagens e inconvenientes".¹³

Ora, sem querer reduzir a dimensão insular a uma simples "ideia" torna-se necessário decompor este objecto de análise tendo por objectivo reconstruí-lo sociologicamente.

Como ponto de partida colocamos a questão do espaço de oportunidade nos parâmetros da nossa análise como o resultado socialmente percebido

¹⁰ MOLES A.- Les labyrinthes du vécu p.52

¹¹ MOLES A Les labyrinthes du vécu p.52

¹² FEBVRE, Lucien- La terre et l'évolution de l'homme, Paris, Albin Michel, 19...

¹³ FEBVRE, Lucien- op. Sup. cit. p. 245

da relação entre o espaço insular vivido (diverso) e as aspirações julgadas impossíveis de realizar localmente.

Assim, procuramos partir, numa primeira etapa, dos elementos objectivos que permitem analisar o espaço insular enquanto estrutura objectivável.

3.1.- Componentes do território "insular"

As suas componentes fundamentais, variáveis, são sem dúvida:

- a superfície.
- a orografia.
- a distância ao continente mais próximo.
- a distância à ilha mais próxima e que define um outro conceito o de arquipélago

Nesta perspectiva a "ilha" enquanto território não é apenas definida pela natureza dos seus limites e pela sua maior ou menor superfície. A situação geográfica caracterizada por um sistema de coordenadas geográficas (latitude e longitude) assume também uma relevância particular e não apenas no campo da história: ela implica uma distância em relação ao exterior, e pelos princípios gerais da percepção constatamos que "...a distância organiza o campo topológico, determinando, por exemplo, um tipo de percepção ¹⁴

Os trabalhos de A Moles e de Hall mostraram que fundamentalmente o que está próximo é mais importante do que está longe; é em função desta proximidade que se estabelece a densidade das imagens, a importância dos acontecimentos, dos seres e das coisas, que diminui à medida que na sua percepção se interpõe o efeito da distância.

A distância ao continente mais próximo é significativa não apenas pelo facto do espaço-produto humano ser vector de significações, mas também porque esta distância influi na natureza dos contactos com o exterior. Com efeito, se a distância influi quanto à importância dos acontecimentos, esta também influi nos mecanismos de idealização destes outros "espaços" porque não implica ausência de relação,.

3.2.- Ensaio de sistematização do conceito " insularidade "

A Moles coloca uma questão semelhante e responde que se torna necessário uma fenomenologia abstracta que proporia três dimensões do universo das ilhas, cuidadosamente expressas segundo os princípios da percepção pelo logaritmo de uma grandeza física: superfície da ilha, distância ao continente e quantidade de variedade¹⁵

Iremos assim considerar este diagrama ideal da insularidade no tocante à superfície e à distância e aplicá-lo a algumas ilhas europeias. Verifica-se então que os Açores são, na sua globalidade, uma das regiões insulares com o maior índice de insularidade.¹⁶

Este coeficiente de insularidade é apenas uma primeira abordagem da realidade insular e foi-nos sugerido pela leitura de um artigo de G.Bernardi ¹⁷ onde o autor afirma existir correlação entre a riqueza em espécies botânicas e a proximidade do litoral, mesmo quando a superfície da ilha é reduzida.

¹⁴ MOLES A Les labyrinthes du vécu p.59

¹⁵ MOLES A. Les labyrinthes du vécu p.54/55

¹⁶ LALANDA GONÇALVES, Rolando op.cit .

¹⁷ BERNARDI G. - "Biogéographie e spéciation des lépidoptères rhopalocères des îles Méditerranéennes", in Actes du colloque international " Le peuplement des îles méditerranéennes et le problème de l'insularité"- Bayuls-sur-mer, 21-27 de Septembre, 1959, Editions du CNRS, 1961

3.3.- Diversidade territorial (o caso dos Açores)

Esta perspectiva analítica encontra , no caso dos Açores, toda a sua pertinência. Enquanto conjunto disperso de nove sistemas sociais, o arquipélago dos Açores manifesta processos diferenciados de estruturação social, económica e cultural.

3.3.1.- Território e orografia

Como primeiro factor de diferenciação encontramos a dimensão territorial e a orografia das ilhas.

Quadro I

ILHA	AREA	OROGRAFIA		
		<300m	300/800m	>800m
S.Miguel	746,76	52.7	44.9	2.4
Santa Maria	97,18	86.4	13.6	0
Terceira	402,17	55.6	42.5	1.9
Graciosa	61,17	94.3	5.7	0
São Jorge	245,76	30.1	66.2	3.7
Pico	447,74	41.2	42.4	16.4
Faial	173,11	53.5	41.1	5.4
Flores	141,70	32.5	66.4	1.1
Corvo	17,12	45.1	54.9	0

Verifica-se que o arquipélago dos Açores é constituído por uma grande diversidade de situações geográficas diferenciando-se do conjunto a ilha do Pico por ser a mais montanhosa.

3.3.2. Distância interna e face ao exterior

As ilhas distam vários quilómetros uma das outras, definindo um espaço topológico global de grande extensão esta superfície é definida pelo conjunto das distâncias inter-ilhas e finalmente pela distância em relação ao Continente.

Considerando a estrutura topológica definida anteriormente, podemos proceder a um ensaio de quantificação da insularidade de cada uma das ilhas do arquipélago dos Açores.

Consideremos o grau de insularidade absoluta pela fórmula:

$$I a = \frac{\text{Log. da distância média às outras ilhas}}{\text{Log. da superfície}} \times \text{Log. da distância ao continente}$$

E o grau de insularidade pela fórmula:

$$I = \frac{1}{\text{Log. da superfície}} \times \text{Log. da distância ao continente}$$

Verifica-se assim que as ilhas com maior grau de insularidade são o Corvo, a Graciosa e Santa Maria. (cf. Quadro II)

Quadro II

ILHA	1/Log Superfície	Log. dist.Cont.	I r
Corvo	0,8	3,3	2,7
S. Maria	0,5	3,2	1,6
Graciosa	0,6	3,2	1,9
Faial	0,5	3,2	1,7
Terceira	0,5	3,2	1,6
S. Jorge	0,4	3,2	1,2
Flores	0,4	3,3	1,2
S.Miguel	0,3	3,2	1,1
Pico	0,4	3,2	1,2

Estando definida a base topológica podemos passar ao segundo nível de análise em profundidade que referi anteriormente. Com efeito, a estrutura ambiental açoriana, para além das propriedades formais da sua estrutura topológica, oferece condições específicas de habitabilidade e assim também condiciona os resultados da acção humana.

Mas esta estrutura objectiva, quantificada, não tem significado se não se procurar estabelecer uma relação entre esta e outras variáveis no domínio da estrutura insular produzida e vivida pelas populações que as habitam.

É este processo de enraizamento contextualizado de uma sociedade pela criação de estruturas espaciais que faz do espaço não apenas uma dimensão analítica mas também um produto social.

3.4. A diversidade estrutural socio-demográfica

A problemática do emprego em meio insular resulta da relação entre a própria dimensão e estrutura socio-demográfica das diferentes ilhas e a sua correlação com estruturas socio-económicas que desenham um “contorno”, um espaço de oportunidade.

Sem querer desenvolver um modelo determinista na relação entre as variáveis de natureza estrutural, no quadro das diferentes ilhas podemos descobrir as seguintes regularidades na relação dimensão espacial e algumas variáveis demográficas:

- **Quanto maior a dimensão (habitável) da ilha maior a densidade populacional**

A população açoriana concentra-se nas ilhas de S.Miguel e Terceira e no contexto da relação população/superfície (densidade) existe uma relação linear entre maior densidade e maior superfície da ilha (excepção para a ilha do Pico).

Quadro III
Densidade populacional 1991

Ilhas	Densidade
S.Maria	60.9
S. Miguel	168.6
Terceira	138.5
Graciosa	84.8
S.Jorge	41.6
Pico	34.0
Faial	86.4
Flores	30.6
Corvo	23.0
Total	101.9

Fonte: INE , Recenseamento Geral da População 1991

- **Quanto maior a dimensão da ilha maior a diversidade de “habitats”**

Em cada ilha a população Açoriana concentra-se em agregados populacionais de pequena dimensão (entre 500 a 4000 habitantes) situados na orla costeira que define o próprio limite das ilhas. Tal facto mostra bem que a superfície não influi somente sobre a densidade mas tem um efeito sobre a estrutura do habitat .

Quadro IV

ILHAS	Dimensão dos lugares por n.º de habitantes %			
	Até 1999	2000-4999	5000-9999	10000 e mais
Corvo	100	0.0	0.0	0.0
S. Maria	95.8	0.0	0.0	0.0
Graciosa	99.2	0.0	0.0	0.0
Faial	62.9	0.0	37.1	0.0
Terceira	65.5	11.5	0.0	22.9
S. Jorge	96.2	0.0	0.0	0.0
Flores	99.2	0.0	0.0	0.0
S. Miguel	38.0	22.2	23.5	16.1
Pico	99.1	0.0	0.0	0.0
Açores	56.1	14.5	15.1	1.8

Fonte : INE , Recenseamento Geral da População 1991

- **Quanto maior a dimensão da ilha menor o impacto dos fenómenos emigratórios na estrutura demográfica.**

A evolução e a alteração da estrutura populacional das diferentes ilhas é influenciada pela relação entre a taxa de crescimento natural e a emigração. Porém, de novo, podemos considerar que nas ilhas de menor dimensão populacional o impacto na estrutura demográfica do fenómeno emigratório acentua-se sem que isto signifique que em volume global não seja nas ilhas mais densamente povoadas que a expressão do fenómeno seja de maior amplitude global.

O impacto do fenómeno emigratório torna-se bem visível se atendermos aos índices resumo: Índice de envelhecimento (IE cf. Quadro V) e Rácios de Dependência (RDJ, RDV e RDT cf. Quadro V). O modelo de emigração (1960/1981) caracteriza-se pelo facto de nas ilhas mais pequenas a intensidade e variabilidade do fenómeno ser muito acentuada enquanto nas ilhas maiores esta variabilidade ser menor mantendo-se todavia uma permanente intensidade do fenómeno.

Assim ao considerar como indicador o n.º de emigrantes/ superfície das diferentes ilhas verificamos que é nas ilhas maiores e mais densamente povoadas onde se regista as taxas mais elevadas.

Quadro V

Ilhas	1981				1991			
	IE	RDJ	RDV	RDT	IE	RDJ	RDV	RDT
S. Maria	34.3	49.2	16.9	66.1	41.6	43.3	18.0	61.4
S. Miguel	26.9	58.2	15.8	74.4	35.5	48.4	17.2	65.5
Terceira	45.0	41.1	18.5	59.6	53.5	38.5	20.6	59.1
Graciosa	80.6	36.5	29.4	65.9	98.2	34.7	34.0	68.7
S. Jorge	52.9	44.5	23.6	68.1	64.9	38.2	24.8	63.1
Pico	84.5	35.4	30.0	65.4	93.3	32.9	30.7	63.7
Faial	62.8	42.6	26.8	69.4	68.8	38.2	26.3	64.4
Flores	82.0	38.0	31.2	69.2	85.3	36.4	31.1	67.5
Corvo	98.6	31.0	30.6	61.6	137.1	30.8	42.3	73.1
Total	37.8	50.2	19.0	69.3	47.2	43.3	20.4	63.7

Fonte: ROCHA Gilberta, MEDEIROS, Octávio. Diagnóstico sócio-económico da Região Autónoma dos Açores. Ponta Delgada 1994 (policopiado) p.28

Esta questão é explicada pelos saldos de crescimento natural ligados a uma taxa de natalidade mais forte nas ilhas mais densamente povoadas.¹⁸

- **Quanto mais densamente povoada é a ilha o espaço familiar é em média maior:**

De facto, a dimensão média familiar é mais elevada nas ilhas mais densamente povoadas o que, apesar da diversidade interna ser

¹⁸ : ROCHA Gilberta, MEDEIROS, Octávio. Diagnóstico sócio-económico da Região Autónoma dos Açores. Ponta Delgada 1994 (policopiado)

maior, se repercute entre outros factores na maior sobrelotação do parque habitacional

- **Quanto mais densamente é povoada a ilha maior pressão sobre as condições sociais da habitação.**

Assim, o rácio população/ alojamento é mais elevado na Terceira e em São Miguel (3,3 e 2,8, respectivamente) e mais reduzido em ilhas de menor dimensão, como São Jorge ou Graciosa (2,2 e 1,9 respectivamente).¹⁹

Em resumo, na relação espacial verificamos nas ilhas de maior dimensão uma maior densidade tanto nos espaços familiares como uma maior diversidade de tipos de habitat. Ora estes dois factores influenciam, em certa medida, a estrutura sócio-económica.

3.5. Estruturas sócio-económicas.

A estrutura socio-económica dos Açores caracteriza-se também por uma diversidade, sendo o grau de diversidade interna de cada ilha proporcional à densidade que, como vimos, se encontra associada a um “potencial” populacional maior nas ilhas de maior dimensão.

Assim, podemos constatar as seguintes regularidades:

- A taxa de actividade é mais elevada nas ilhas mais pequenas ou mais envelhecidas.
- A taxa de participação feminina é mais acentuada nas ilhas de maior dimensão ou mais densamente povoadas.
- A terciarização da economia é mais acentuada nas ilhas mais densamente povoadas ou de maior dimensão.
- As empresas concentram-se nas ilhas mais densamente povoadas ou de maior dimensão: São Miguel possui 53,7 % e a Terceira 22,5% das empresas da Região Autónoma²⁰
- As estruturas empresariais de maior dimensão encontram-se nas ilhas mais densamente povoadas ou de maior dimensão²¹
- O número de pessoas ao serviço nas empresas manifesta uma concentração mais do que proporcional nas ilhas de maior dimensão e mais densamente povoadas.²²
- As empresas de maior dimensão situam-se nas actividades financeiras, indústria transformadora, electricidade e as de menor dimensão na agricultura, no comércio e nos serviços colectivos²³

3.6. Habilitações literárias e qualificações

De uma forma geral os trabalhadores por conta de outrem (TCO) tem como habilitações literárias dominantes o 1º ciclo do ensino básico, porém em percentagem relativa mais elevada verifica-se na agricultura, nas pescas, e na indústria extractiva e na construção.²⁴

¹⁹ ROCHA Gilberta, MEDEIROS, Octávio. Op.cit p.28

²⁰ O.E.F.P dos Açores Estrutura Empresarial 1997

²¹ O.E.F.P dos Açores Estrutura Empresarial 1997

²² O.E.F.P dos Açores Estrutura Empresarial 1997

²³ O.E.F.P dos Açores Estrutura Empresarial 1997

²⁴ O.E.F.P dos Açores. Quadros de Pessoal 1997

As qualificações mais elevadas encontram-se nas actividades económicas situadas nas ilhas mais densamente povoadas designadamente o sector da electricidade e dos serviços financeiros.²⁵

Embora os níveis gerais de qualificação profissional ainda sejam baixos, verificamos que nas actividades económicas ligadas à electricidade, gás e água e aos serviços financeiros onde o nível de qualificação da mão de obra é mais elevado. Sendo marcante a sua diferenciação em relação a actividades “menos qualificadas” como a agricultura, as pescas, e as actividades imobiliárias.

Esta segmentação verificada os TCO é congruente com o nível de habilitações literárias anteriormente analisadas.

Assim no que concerne à distribuição espacial das actividades económicas verifica-se que:

- As actividades económicas, com estruturas empresariais de maior dimensão, situadas nas ilhas mais densamente povoadas possuem os níveis de qualificação são também mais elevados.
- As ilhas de maior dimensão produzem uma segmentação por actividade mais visível o que nos conduz a afirmar que existe uma maior *diversidade económica*.

3.7. Remuneração e dimensão empresarial

Nas ilhas mais densamente povoadas observamos uma maior “diversidade económica”. Nestas ilhas estão sediadas as empresas de maior dimensão onde as remunerações médias mensais são mais elevadas.

Existe, porém, uma grande diversidade no que concerne às empresas de dimensão intermédia, onde a diferenciação salarial é mais acentuada segundo o tipo de actividade.

Se analisarmos mais em detalhe as remunerações médias verificamos que:

- nas actividades financeiras, electricidade, gás e água, e transportes e comunicações a remuneração média é mais elevada o que, face à dimensão empresarial nestas actividades, explica o comportamento global destas duas variáveis.
- na pesca, ao invés, a remuneração média mais elevada é conseguida em empresas de pequena dimensão.

4.8. Desemprego e dimensão insular

Ao analisarmos a capacidade de criação de emprego, nas diferentes ilhas, verificamos o seguinte:

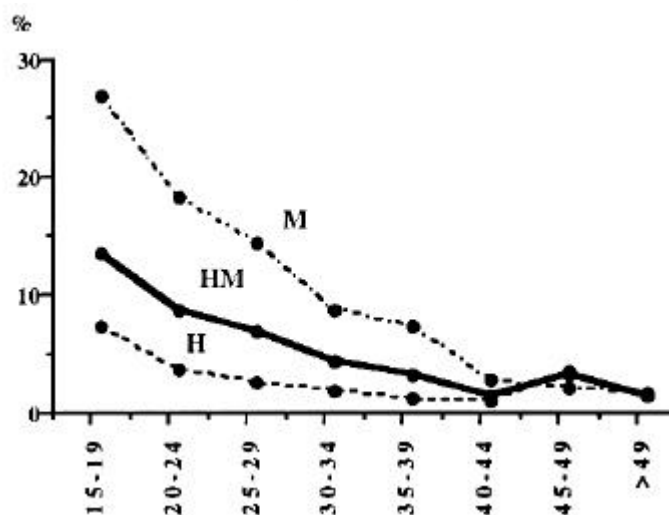
- As ilhas mais densamente povoadas, possuindo estruturas económicas mais diversas têm uma maior capacidade de gerar emprego. Todavia, é também nestas ilhas, designadamente em São Miguel que o fenómeno do desemprego (em volume) é o mais significativo da Região Autónoma.
- As ilhas mais pequenas, com soluções económicas mais homogéneas (agricultura/serviços), possuem uma menor capacidade de gerar emprego. Porém, se as taxas de desemprego são menores (em média),²⁶ é também nestas ilhas que a amplitude de variação é mais elevada.

²⁵ O.E.F.P dos Açores. Quadros de Pessoal 1997

²⁶ ROCHA Gilberta, MEDEIROS, Octávio. Diagnóstico sócio-económico da Região Autónoma dos Açores. Ponta Delgada 1994 (policopiado) p.28

- A variabilidade do desemprego nas ilhas com menos população está directamente ligadas ao tipo de relação existente entre as “estruturas demográficas” e as estruturas económicas segundo a dimensão das ilhas. Estas afectam diferencialmente as várias estruturas etárias e a população segundo o sexo. O desemprego concentra-se assim com maior amplitude nos jovens e nas mulheres ou seja, nos tipos de população que se encontram em fase de “entrada” no mundo do trabalho.²⁷

Quadro VI



Fonte: ROCHA, Gilberta, MEDEIROS Octávio op.cit.

- O desemprego afecta sobretudo as mulheres jovens em todas as ilhas onde a % de população activa no sector primário é mais elevada.²⁸
- A situação de desemprego é sobretudo caracterizada por jovens masculinos que já trabalharam e por jovens femininos em busca de 1º emprego. A duração do desemprego é predominantemente, inferior a 6 meses.²⁹

Assim em conclusão podemos inferir que:

- o “espaço de oportunidade”, definido como *a probabilidade de obter um emprego compatível com a qualificação obtida num determinado espaço sócio económico* tende a ser diferenciado, para os jovens na globalidade e para as mulheres em especial, segundo as diferentes ilhas.
- Esta diferenciação está correlacionada com a “diversidade de opções” existentes no meio insular.

A diversidade de opções” está correlacionada com a insularidade, definida como uma limitação à diversidade social e económica, como podemos verificar pela relação existente entre as variáveis densidade populacional, dimensão empresarial, níveis de qualificação e diversidade de actividades económicas.

Nesta quadro podemos afirmar que a relação espaço/sistema social, como produtor de desigualdade encontra uma fundamentação.

²⁷ ROCHA, Gilberta. MEDEIROS Octávio. Juventude Açoriana. Caracterização, Valores e Aspirações. Ponta Delgada, Secretaria Regional da Juventude e Recursos Humanos 1995

²⁸ ROCHA, Gilberta. MEDEIROS Octávio. Op.cit.

²⁹ ROCHA, Gilberta. MEDEIROS Octávio. Op. Cit.

Ao delimitar o nosso estudo aos jovens do grupo etário 15/24 anos procuraremos face à investigação já efectuada pelo Centro de Estudos Sociais sobre esta matéria verificar quais os pontos críticos desta dimensão.

4. Emprego e insularidade: os jovens face aos espaços de oportunidade

É neste quadro que analisaremos um conjunto de indicadores produzidos pelos inquéritos realizados pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade dos Açores junto da população jovem dos Açores em 1990 e 1995 e pela recente publicação da Estrutura Empresarial em 1997 e Quadros de Pessoal de 1997 da responsabilidade do Observatório do Emprego e Formação Profissional da Secretaria Regional da Educação e Assuntos Sociais.

Trata-se de uma primeira análise que privilegia uma abordagem sincrónica. Neste quadro pretendemos colocar em evidência algumas regularidades centrando a nossa abordagem no escalão etário 15-35 anos e nos trabalhadores por conta de outrem (TCO).

Esta delimitação tem em conta o facto de uma forte percentagem dos jovens da Região Autónoma dos Açores serem (TCO) e isto segundo os estudos do Centro de Estudos Sociais da Universidade dos Açores aos quais fizemos referência.³⁰

Todavia ao analisar a situação dos jovens TCO não queremos deixar de considerar relevante a forte percentagem de “trabalhadores familiares” facto que ao se registar com maior intensidade nas ilhas de menor dimensão mostra bem a diferencialidade de acesso ao mundo do trabalho pelos jovens das diferentes ilhas. Para poder questionar o “grau de abertura” sectorial à integração dos jovens socorremo-nos de alguns indicadores. Começemos pela antiguidade nas empresas.

4.1.- A entrada no mundo do trabalho e espaços de oportunidade

Pela análise da distribuição percentual por actividades dos trabalhadores por conta de outrem podemos inferir que grande parte dos jovens de 15 a 24 anos serão encontrados nos escalões de antiguidade mais baixos das empresas. Se partirmos deste pressuposto verificamos o seguinte nos seguintes escalões de antiguidade menos de um ano e de 1 a 4 anos.³¹

Os sectores de actividade que na sua composição interna têm uma maior percentagem de jovens são:

- pesca;
- educação;
- construção;
- alojamento e restauração.

Os sectores de actividade onde é menor a percentagem de trabalhadores com menos de 4 anos de antiguidade são:

- actividades financeiras;
- electricidade gás e água;
- saúde e acção social;
- transportes e comunicações.

³⁰ ROCHA, Gilberta Nunes Pavão, MEDEIROS, Octávio Henrique Ribeiro, DIOGO, Fernando Jorge Afonso. Juventude Açoriana. Caracterização, Valores e Aspirações. Ponta Delgada, SRJECIE, 1995 p.100

³¹ O.E.F.P dos Açores. Quadros de Pessoal 1997

Os sectores de actividade onde a percentagem de trabalhadores com menos de 4 anos de antiguidade é intermédia são:

- agricultura;
- industria extractiva;
- industria transformadora;
- comércio;
- actividades imobiliárias;
- segurança social.

Em relação a estes resultados estamos, na globalidade da Região Autónoma dos Açores, perante um cenário que teremos de confirmar com outros indicadores mas que nos permite concluir provisoriamente o seguinte:

- Os sectores onde a presença relativa de jovens é menos significativa são aqueles que como vimos anteriormente, tem maiores níveis de qualificação, maiores níveis de remuneração e encontram-se em maior percentagem nas ilhas de maior dimensão ou mais densamente povoadas.
- Os sectores onde a presença de jovens é mais significativa são aqueles onde é exigida uma menor qualificação, tem menores níveis de remuneração e encontram-se em maior percentagem nas ilhas menos densamente povoadas (à excepção da restauração...)

Estes dados poderão ser congruentes com o facto de nas ilhas de menor dimensão haver uma maior abertura dos sectores ali existentes e, logo, haver uma menor pressão demográfica, o que assegura uma rápida integração.

Tendo em conta estes resultados podemos agora analisar já não a antiguidade em cada sector mas a distribuição dos jovens tco pelos diferentes sectores de actividade.

Os sectores com o maior número de jovens em percentagem relativa, na classe etária 15-24 anos, são:

- alojamento e restauração;
- comércio;
- construção;
- pesca

Os sectores de actividade onde esta percentagem é menor são :

- actividades financeiras
- electricidade, gás, aguas
- transportes e comunicações
- saúde e acção social

Os sectores onde esta percentagem é intermédia são:

- industria
- educação

Estes resultados confirmam a indicação fornecida pelo indicador da antiguidade na empresa.

4.2.- A “opção” profissional e espaços profissionais

Face ao modelo anteriormente definido, a “opção profissional” seria orientada nos trabalhadores entre 15 a 24 anos pelo aproveitamento de um “espaço de oportunidade” de acesso mais fácil. Assim não é de estranhar que as seguintes profissões ocupem lugar de destaque na distribuição deste grupo etário:

- pessoal de serviço e vendedores;
- operários;
- trabalhadores não qualificados.

No que se refere às profissões com menor peso relativo de jovens entre 15 e 24 anos teremos:

- quadros superiores dirigentes;
- especialistas em profissões intelectuais;
- técnicos profissionais de nível intermédio.

Esta análise é também congruente quando se analisa o peso relativo de jovens por profissão e já não a sua distribuição pelas diferentes profissões.

Nesta perspectiva a “opção profissional” no grupo etário dos 15 a 24 anos faz-se num quadro de referências onde:

- a entrada mais cedo na vida activa está relacionada com menores habilitações literárias, menores qualificações profissionais e um acesso mais fácil a sectores ligados à actividade primária ou terciária compatível.
- existe, por parte das mulheres jovens, uma propensão mais acentuada para optarem pela área dos serviços. Os jovens masculinos optando pelas actividades do sector primário agricultura e pescas.

Se analisarmos com maior profundidade a situação dos TCO masculinos e femininos verificamos, em percentagem relativa, a seguinte situação:

Quadro VII

Profissões	Masculino %	Feminino %
Pessoal de serviço e vendedores	27	31.3
Trabalhadores não qualificados	32.5	17.2
Operários artífices e similares	17.5	23.1
Pessoal administrativo e similares	10.9	19.4

Fonte: O.E.F.P dos Açores. Quadros de Pessoal 1997

Esta distribuição revela as estratégias de entrada “precoce” no mundo do trabalho. De facto, se por um lado as “mulheres jovens” entram em sectores como a industria transformadora (lacticínios, conservas, tabaco) e os serviços comerciais (vendas ...) os jovens masculinos ocupam um lugar de maior destaque nos trabalhadores não qualificados, constituindo 32,5% dos TCO desta profissão.

4.3.- Níveis de habilitação e espaços de oportunidade

O modelo de entrada descrito anteriormente mostra para este escalão etário (15-24 anos) que a probabilidade de obter um emprego numa empresa de maior dimensão num sector de maior remuneração é mais reduzido. Tal deve-se à distribuição desta categoria etária por níveis de habilitações. De facto, apesar de ser mais escolarizada do que a geração de 55 e + anos, neste grupo etário predominam os trabalhadores com o 2º ciclo do ensino básico.³²

³² O.E.F.P dos Açores. Quadros de Pessoal 1997

4.4.- Vínculo contratual e espaços de oportunidade

O vínculo laboral dos jovens é, numa importante percentagem, precário, tanto pela ausência de contrato como por contratos a prazo .³³

4.5. Formação profissional e espaços de oportunidade

A formação profissional é vista sobretudo como valorização profissional mas a grande maioria (76,1%) nunca frequentou nenhum curso de formação profissional. Aqueles que a tiveram obtiveram-na na empresa; no grupo etário de 15-24 anos uma elevada percentagem, com maior intensidade nas jovens, considera que esta não serviu para nada .

A grande maioria atribui grande relevância à formação profissional.³⁴

5. Espaço de oportunidade e insularidade

Após termos analisado as várias dimensões associadas aos trabalhadores jovens de 15 a 24 anos na sua relação com o espaço, devemos equacionar qual a percepção destes em relação a este “espaço de oportunidade”.

Como primeira dimensão de inserção podemos analisar a percepção do trabalho

5.1. Percepção do trabalho

Depois de analisarmos, numa primeira abordagem, as lógicas inerentes à entrada no mundo do trabalho por parte dos jovens (15 a 24 anos), e apesar de não termos ainda disponíveis as ventilações por ilhas no que se refere às estruturas locais e à sua presença nas empresas, apercebemo-nos de que a “diversidade das estruturas socio-económicas propiciadas por espaços insulares mais amplos dá origem a espaços de oportunidade diferenciados.

No inquérito realizado pelo CES da Universidade dos Açores relativamente ao objectivo do trabalho verificamos que nas ilhas de pequena dimensão, à excepção de S.Jorge, existem:

- uma acentuação do trabalho como necessidade e como contributo para a sociedade;
- Uma menor importância dos factores “promoção social” e realização pessoal.

Nas ilhas mais densamente povoadas:

- acentua-se relativamente a promoção social e a necessidade;
- dá-se uma menor intensidade relativa à problemática da realização e do contributo para a sociedade

Torna-se, porém, significativo quando nos concentramos no escalão etário de 15 a 24 anos que:

- a promoção social
- o contributo para a sociedade
- a realização pessoal
- a necessidade

³³ ROCHA , Gilberta. MEDEIROS Octávio. Juventude Açoriana. Op cit.

³⁴ ROCHA , Gilberta. MEDEIROS Octávio. Juventude Açoriana. Op. Cit.

³⁵ ROCHA , Gilberta. MEDEIROS Octávio. Juventude Açoriana. Op.cit.

são claramente ordenados em termos de intensidade, o que coloca muito claramente a problemática do trabalho associada à questão da mobilidade social.

As “barreiras” percebidas no mundo do trabalho são diferenciadas no que se refere à problemática da mobilidade social acentuada em meios de maior dimensão, enquanto a conformação ligada ao trabalho como “necessidade” predomina nas ilhas com menor grau de diferenciação económica.

5.2.-Satisfação com o trabalho

Esta percepção relativa do trabalho é congruente com as respostas relativas com a situação no trabalho, onde os jovens de 15 a 24 anos tem tendência a se sentir menos bem ou muito bem no seu trabalho do que os jovens do escalão etário superior.

Embora se registre uma maior variação nas respostas dentro de cada ilha podemos afirmar que existe a tendência dos jovens das ilhas de maior dimensão em manifestarem uma maior satisfação no trabalho e que existe uma tendência para a situação de indiferença nas ilhas menor dimensão.

5.3.-Satisfação com o “habitat”

É neste quadro que assume particular importância a avaliação global do espaço onde se inserem os jovens. Assim, os valores mais altos e mais baixos relativos à percepção como má ou muito má, bem como as respostas de indiferença, são encontrados com maior intensidade nas ilhas de menor dimensão. Destacam-se neste quadro pela sua singularidade os jovens da ilha Terceira, com cerca de 91,8% a considerarem-se bem ou muito bem naquela ilha. Aliás, a ilha Terceira já se havia singularizado pela importância dada ao trabalho como realização pessoal e contributo para a comunidade, com uma muito maior intensidade do que as restantes ilhas.

Quadro VIII
Satisfação dos jovens açorianos relativamente ao local onde vivem, por grupos de idade 1995

Como se sentem	%	SMA	SMG	TER	GRA	SJOR	PICO	FAI	FLO	COR
Muito bem	27.7	23.9	29.7	31.2	31.5	27.1	19.3	28.1	32.8	18.8
Bem	54.8	49.8	50.2	60.6	45.9	46.2	62.5	49.9	43.0	56.6
Mais ou menos	14.9	19.1	17.4	7.7	19.8	22.3	15.6	18.3	22.1	21.7
Mal	1.1	6.4	1.9	0.3	0.8	2.0	2.1	2.0	1.2	2.9
Muito mal	0.6	0.8	0.8	0.3	1.9	2.4	0.5	1.7	0.8	0.0
NS/NR	0.9									

Fonte: ROCHA , Gilberta. MEDEIROS Octávio. Juventude Açoriana. Caracterização, Valores e Aspirações. Ponta Delgada, Secretaria Regional da Juventude e Recursos Humanos 1995

Mas se a insatisfação em relação ao local onde vivem não permite resultados relevantes unicamente através da variável espacial (ilha) , ao introduzirmos a idade verificamos que o grupo etário dos 15-24 anos é o mais insatisfeito com o local onde vive.

Quadro IX
Satisfação dos jovens açorianos relativamente ao local onde vivem, por grupos de idade 1995

Como se sentem	15-24	25-34	Masc.	Fem.
Muito bem	52.3	47.7	48.1	51.9
Bem	51.7	48.3	53.9	46.1
Mais ou menos	57.9	42.1	44.4	55.6
Mal	88.9	11.1	44.4	55.6
Muito mal	100	0	20.0	80.0

Fonte: ROCHA , Gilberta. MEDEIROS Octávio. Juventude Açoriana. Caracterização, Valores e Aspirações. Ponta Delgada, Secretaria Regional da Juventude e Recursos Humanos, 1995.

5.4. Mudança de local e espaço de oportunidade

Os jovens de 15 a 24 anos intencionam o estrangeiro ou outra ilha como os locais para onde intencionam sair.

Quadro X
Local de mudança preferido pelos jovens açorianos por grupos de idade 1995

Local preferido	15-24	25-34	Masc	Fem
Outro da mesma ilha	62.2	37.8	31.1	68.9
Outra ilha	73.3	26.7	40.0	60.
Continente	46.9	53.1	50.0	50.0
Estrangeiro	78.3	21.7	43.5	56.5
Outro sítio	75.0	25.0	50.0	50.0
NS/NR	52.4	47.6	51.4	48.6

Fonte: ROCHA, Gilberta. MEDEIROS Octávio. Juventude Açoriana. Caracterização, Valores e Aspirações. Ponta Delgada, Secretaria Regional da Juventude e Recursos Humanos 1995

Ora é de facto nas ilhas mais pequenas onde a dicotomia outra ilha/ estrangeiro é mais fortemente intencionada como lugar alternativo de vida. Em contrapartida, nas ilhas maiores, outros locais na mesma ilha ou o “continente” aprecem com maior relevância. (cf. Quadro XI e Quadro XII)

Quadro XI
Local de mudança preferido pelos jovens açorianos 1990

Local preferido	SMG	TER	SJO	PIC	FAI
Outro da mesma ilha	17.2	29.7	0	8.3	0
Outra ilha	3.8	6.0	33.3	8.3	3.7
Continente	18.5	13.6	33.3	25.0	11.0
Estrangeiro	60.5	50.0	33.3	58.4	85.3

Fonte: ROCHA, Gilberta. MEDEIROS Octávio. Juventude Açoriana. Caracterização, Valores e Aspirações. Ponta Delgada, Secretaria Regional da Juventude e Recursos Humanos 1995

Quadro XII
Local de mudança preferido pelos jovens açorianos 1995

Local preferido	%	SMA	SMG	TER	GRA	SJOR	PICO	FAI	FLO	COR
Outro da mesma ilha	5.3	15.5	42.7	37.1	21.0	10.3	16.2	30.7	22.4	0
Outra ilha	1.8	32.3	6.2	16.1	31.6	26.0	23.6	15.4	31.0	82.5
Continente	3.8	18.3	24.7	21.0	10.5	22.0	10.0	8.6	8.5	0
Estrangeiro	2.7	21.4	20.2	21.0	24.6	24.5	42.2	38.1	29.6	17.5
Outro sítio	0.9	12.5	6.2	4.8	12.3	17.2	8.0	7.2	8.5	0
NS/NR	85.5									

Fonte: ROCHA, Gilberta. MEDEIROS Octávio. Juventude Açoriana. Caracterização, Valores e Aspirações. Ponta Delgada, Secretaria Regional da Juventude e Recursos Humanos 1995

Esta percepção relativa dos jovens (15-24 anos) é congruente com a lógica que subentende os processos migratórios analisada, noutra contexto, e que podemos sintetizar no seguinte esquema:

Conclusão

A insularidade, como factor condicionante dos processos sociais, não é irrelevante se considerarmos a lógica eutópica:

Dimensão Insular + distância face ao exterior → quantidade de variedade → espaço de oportunidade → lógica eutópica migratória → percepção local como negativa → reforço do “contorno” insular → valorização do espaço exterior.

Com efeito, podemos afirmar que, tal como se verifica no movimento migratório, também na fase de integração por parte dos jovens no mundo do trabalho tende a verificar-se um modelo semelhante.

Esta lógica tende no domínio do acesso a reproduzir nas ilhas de menor dimensão um modelo “tradicional” :

- Entrada no mundo do trabalho mais cedo;

- Escolaridade “básica” dominante;
- “Opção” entre as poucas áreas disponíveis de actividade;
- Ausência de formação profissional institucional;
- Aceitação do trabalho como “necessidade”.

A redução do “espaço de oportunidade” leva a uma valorização dos espaços das outras ilhas e do estrangeiro como lugares de “realização”.

Nas ilhas de maior dimensão encontramos:

- Maior diversidade de perfis de entrada no mundo do trabalho;
- Escolaridade “básica” dominante, mas uma percentagem relativa maior de jovens com uma escolaridade mais longa;
- Acesso mais facilitado a actividades económicas menos remuneradas, em sectores de actividade tradicionais;
- Ausência de formação profissional institucional;
- O trabalho percebido como necessidade mas também uma maior valorização do trabalho como “promoção social”.

O “espaço de oportunidade” assim definido é mais amplo do que nas ilhas de menor dimensão provocando uma percepção mais centrada na própria ilha.

Neste domínio da análise poderá assumir especial relevância o estudo da mobilidade espacial dos jovens, tanto em termos de análise de saídas temporárias como de migrações no quadro do espaço regional, nacional ou para o estrangeiro.

Porém, ao analisarmos o grupo etário 15-24 anos estamos conscientemente a analisar “os espaços de oportunidade” gerados e que se impõem a um grupo etário específico (15 a 24), onde a dimensão da reprodução social é mais evidente e esta é tanto mais intensa quanto a ilha pelo “contorno” que impõe exerce uma maior influencia ou restrição.

Estas duas lógicas manifestam-se congruentes com as hipóteses de trabalho inicialmente definidas. De facto, se o indivíduo e os grupos procuram atingir os seus objectivos entre os interstícios impostos pelo espaço que naturalmente os condicionam e assim produzem novos espaços sociais económicos podemos então afirmar que a insularidade é mais do que um simples facto geográfico e transforma-se num objecto de análise sociológico relevante.